



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 10, número 3, set.-out. 2021

OS SENTIDOS PÓS-ABISSAIS DE COMUNIDADE NA TRADUÇÃO DE COMUNIDADE: UMA COMUNHÃO AMOROSA, DE BELL HOOKS



POST-ABYSSAL MEANINGS OF COMMUNITY IN THE TRANSLATION OF COMMUNITY: A LOVING COMMUNION, BY BELL HOOKS

Priscila Nascimento PIRES
Universidade Federal de São Paulo, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 08/06/2021 • APROVADO EM 29/01/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgrem.v10i3.3506>

Resumo

Este artigo analisa e comenta uma tradução para o português brasileiro do capítulo *Community: a loving communion* do livro *All About Love* (hooks, 2005). A partir da perspectiva da metáfora da tradução como desdobramento da obra original, pensada por Benjamin (2011), e dos desdobramentos de Tradução Intercultural (BHABHA, 1990; SOUSA SANTOS, 2007) são observadas certas tensões que envolvem uma tradução da língua inglesa para a língua portuguesa, exemplificando-as por meio das reflexões de Grada Kilomba em *Memórias da Plantação* (2019). A seguir, os conceitos de pensamento pós-abissal e de epistemologias do sul (SOUSA SANTOS, 2007; 2020) são apresentados a fim de analisar o sentido de “comunidade” em hooks (2005), comparando-o ao de Blanchot (2013) e de Menezes de Souza (2006) e considerando-os como contributos às epistemologias alternativas que fazem frente aos pensamentos epistêmicos hegemônicos.

Abstract

This article analyses and comments a Brazilian Portuguese translation of the chapter *Community: a loving communion*, from the book *All About Love* (hooks, 2005) through Benjamin's (2011) perspectives on the translation process and the practice of Intercultural Translation (BHABHA, 1990; SOUSA SANTOS, 2007) and certain tensions related to the translation process from the English language towards Portuguese language are observed and exemplified by the arguments of Grada Kilomba in *Plantation Memories* (2019). Following that, the concepts of post-abysal thinking and Epistemologies of the South (SOUSA SANTOS, 2007; 2020) are presented in order to analyze the meaning of 'community' in hooks (2005), comparing it to Blanchot (2013) and to Menezes de Souza (2006), considering these as contributive to the alternative epistemologies that confront the hegemonic epistemic thoughts.

Entradas para indexação

Palavras-chaves: Comunidade. bell hooks. Tradução intercultural. Pensamento pós-abissal. Epistemologias do Sul.

Keywords: Community. bell hooks. Intercultural Translation. Post-abysal thinking. Epistemologies of the South.

Texto integral

Introdução

Este artigo foi motivado por uma pesquisa em linguística aplicada a partir da tradução do capítulo oito do livro *All About Love*, da escritora norte-americana bell hooks¹, publicado originalmente em inglês no ano de 2005. O capítulo em questão leva o título original de *Community: a loving communion*, que traduzimos por *Comunidade: uma comunhão amorosa*. Por meio da articulação de seus saberes e experiências, a autora constrói sentidos para “comunidade”, que, via de regra, são suplantados pelos discursos acadêmico-científicos atuais. Nesses discursos, compreende-se que “comunidade” está ligada ao sentido de formação de um corpo comum em uma “nação”, ainda que como esforço do imaginar (ANDERSON, 2008) ou compreendida como um grupo estabelecido por partilhar interesses em comum (como, por exemplo, uma comunidade científica). Hooks sustenta que as comunidades não necessariamente possuem fatores em comum, a não ser talvez pela necessidade de manterem-se unidos pelo amor e cuidado. Podemos aproximar parcialmente a proposição da autora à do filósofo italiano Espósito (2007) que, ao analisar a etimologia de “comunidade”, observa que os sentidos de “ser-em-comum” não podem ser separados de “ser-com”, pois “o comum da

¹ Embora algumas traduções tragam seu nome com as iniciais em letras maiúsculas, a autora assina os textos originais como bell hooks, nome pelo qual chamavam sua avó. O nome, com as iniciais em letras minúsculas, foi escolhido como forma de afirmar sua ascendência afro-americana e ao mesmo tempo demonstrar que, como autora, ela não é uma voz singular, integrando-se às experiências coletivas dos grupos oprimidos e despossuindo-se de uma autoridade intelectual centrada no indivíduo. Sendo assim, escolhemos grafar seu nome em minúsculas em todas as partes que compõem este artigo.

comunidade, um comum antes apresentado como substância (território, língua, cultura etc.), [é] a escavação genealógica [que] revela um laço (*cum*), uma dívida (*munus*).” (YAMAMOTO, 2013, p. 63).

Por meio de *Comunidade: uma comunhão amorosa*, reconhecemos uma produção de conhecimentos pós-abissais que caminham na direção das epistemologias do sul, um sul que é “epistemológico, não-geográfico, composto por muitos suís que têm em comum o fato de serem conhecimentos nascidos em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado e são produzidos onde quer que ocorram essas lutas, tanto no norte geográfico quanto no sul geográfico.” (SOUSA SANTOS, 2020, p. 17). Dessa forma, os conceitos de epistemologias do sul e de tradução intercultural, conforme desenvolvidos pelo autor, são relevantes para o desenvolvimento do presente artigo e discorreremos sobre eles mais adiante.

Trataremos do processo de tradução e suas questões observando-os por meio dos conceitos de Benjamin (2011), tomando os caminhos das traduções interculturais ao conhecer suas potências, e comentando a experiência narrada por Kilomba (2019) em seu livro *Memórias da Plantação* quanto à tradução, que aqui consideramos ser intercultural, como demonstraremos à frente.

Analisaremos, por fim, os sentidos de “comunidade” em seus aspectos em *Comunidade: uma comunhão amorosa*, nos apoiando em trechos de nossa tradução realizada dentro de uma perspectiva intercultural, observando *tanto o original quanto tradução* como produções de conhecimentos que podem ser reconhecidos como epistemologias contra-hegemônicas e que vão ao encontro das epistemologias do sul. Apontaremos como o texto nos permite interagir com a construção dessas novas epistemologias, estabelecendo os sentidos de comunidade e amor em outros saberes.

Pensamento pós-abissal, epistemologias do sul e ecologia de saberes

Para estabelecer de onde partimos epistemologicamente, dando a conhecer quais as leituras e os conceitos compreendidos para a tradução de *Comunidade: uma comunhão amorosa*, apresentamos as dimensões de pensamento pós-abissal, das epistemologias do sul e da ecologia de saberes. Esses três conceitos se apresentam ao longo da obra de Sousa Santos (2007; 2020) e são tomados como pontos interseccionais pertinentes à presente pesquisa e à leitura e posterior tradução do texto supracitado. A partir de novas formas de construir conhecimentos, o autor compreende que o

(...) pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer modo de ser relevante ou compreensível. Tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a

própria concepção de inclusão considera como o “outro”. (SOUSA SANTOS, 2007, p. 71)

Dessa perspectiva, o pensamento abissal se apresenta por meio de um conjunto de práticas e discursos hegemônicos que tornam invisíveis determinados conhecimentos, excluindo-os do pensamento epistemológico tradicional. Há um monopólio das verdades científicas e não-científicas (SOUSA SANTOS, 2007) que nos convida a perceber que, como não é possível medir e mensurar outros saberes sob os critérios epistemologicamente reconhecidos pelo discurso ocidental, esses outros conhecimentos são tomados como “crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que na melhor das hipóteses podem se tornar objeto ou matéria-prima de investigações científicas.” (SOUSA SANTOS, 2007, p. 73).

A fim de propor um caminho para novas epistemologias, o autor denomina de epistemologias do sul e de pensamento pós-abissal os conhecimentos de povos originários, dos grupos socialmente invisibilizados e de quaisquer práticas e conhecimentos que não são tidos como saberes pelos critérios de um norte global².

O pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Ele confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes, na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. (...) Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem por premissa a ideia da inesgotável diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico. (SOUSA SANTOS, 2007, p. 85-86)

Por isso, acreditamos que o pensamento pós-abissal não se estrutura a partir do pensamento positivista da ciência moderna – universal, objetiva e racional –, mas se refere a essa como uma das pluralidades dos conhecimentos heterogêneos possíveis. Na formação de uma ecologia de saberes, a autonomia dos conhecimentos e de determinadas práticas não são comprometidas pela existência de outros conhecimentos, uma vez que nenhum saber é tomado como universal. Compreende-se que pensamentos pós-abissais constitutivos de uma ecologia de saberes têm limites internos e externos. Todos os conhecimentos tornam-se igualitários quando os compreendemos como incompletos por si só, uma vez que nenhuma forma de conhecimento pode intervir no real de forma absoluta e universal.

Por isso, conhecimentos filosóficos, espirituais, ambientais, de experiências coletivas e individuais que vêm das margens do sistema-mundo da modernidade ou estão situados na fronteira da modernidade têm lugar dentro das epistemologias do sul, uma vez que podem ser reconhecidos como autônomos,

² Esse norte global não está ligado à posição geográfica dos países, apesar de às vezes coincidir com o norte geográfico, nos referimos a um lugar da hegemonia das normas, dos padrões socioculturais, da ciência moderna e da racionalidade.

plurais, heterogêneos e capazes de estabelecer relações com outros saberes. Assim, é possível reconhecer os saberes dos feminismos decoloniais e do feminismo interseccional, cujas perspectivas de pensamento pós-abissal estão em convergência com a autora bell hooks. Apesar de fazer parte do meio científico norte-americano, ela resiste ao pensamento hegemônico ao escrever a partir da dimensão da experiência pessoal, contando com referências bibliográficas não-canônicas e conduzindo nossas reflexões para novas epistemologias possíveis. Compreendemos que as experiências pessoais têm importância crítica na teoria e na construção de novas epistemologias, sendo necessário tomá-las como formas incorporadas em nós (ALCOFF, 2010). Partindo de sua interseccionalidade como sujeito, a autora lembra que

quando produzimos conhecimentos, nossos discursos incorporam não apenas palavras (...) pode-se também ouvir a dor e a emoção contidas em sua precariedade: a precariedade de ainda sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de ‘chegar’, mas dificilmente podemos ‘ficar’. (hooks apud KILOMBA, 2019, p. 59)

Logo, a tarefa de tradução de *Comunidade: uma comunhão amorosa* nos impulsiona a colaborar para uma ecologia de saberes, compreendendo que “o atributo pós-abissal mais característico [é] a tradução intercultural” (SOUSA SANTOS, p. 91, 2007), que nos leva a traduzir não somente o texto mas também seus saberes políticos e sociais em nossas práticas, como sul epistemológico e geográfico. A seguir, buscamos nos concentrar nessa tarefa intercultural (BENJAMIN, 2011; SOUSA SANTOS, 2007), compreendendo questões sensíveis do processo e da construção dos sentidos de comunidade.

Tradução Intercultural

Como a tradução está longe de ser a equação entre duas línguas mortas (BENJAMIN, 2011, p. 108), precisamos refazer o caminho da tradução na perspectiva de uma tradução intercultural. É relevante para a nossa tarefa a compreensão benjaminiana de que

Da mesma forma como os cacos de um vaso, para serem recompostos, devem encaixar-se uns aos outros nos mínimos detalhes, mas sem serem iguais, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se amorosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso. (...) Diante do sentido, a língua da tradução tem o direito, aliás, o dever, de desprender-se, para fazer ecoar sua própria espécie de intentio enquanto harmonia, complemento da língua na qual se comunica, e não sua intentio enquanto reprodução de sentido. (BENJAMIN, 2011, p. 115)

Por meio da metáfora dos cacos de vidro, a perspectiva de tradução apresentada pelo autor é a de desprender-se de uma reprodução de sentido e buscar um “modo de visar do original” (BENJAMIN, 2011, p. 115), para que assim

se ecoe na “nova” língua. Percebe-se que para formar uma unidade (vaso) é dispensável que todos os pedaços sejam iguais (cacos). A unidade entre o original e a tradução encontra-se na possibilidade da obra encontrar sentido na língua traduzida, abrindo caminho para a compreensão da integralidade de uma obra dentro de um novo contexto cultural.

Benjamin (2011) procura lidar com essas questões expandindo a teoria da linguagem para compreender que as traduções estão inseridas em núcleos linguísticos próprios de uma cultura. Ele estabelece que os sentimentos também são veiculados tanto pela língua original quanto por aquela que recebe a tradução, não se resumindo a um processo de transposição de palavras de um idioma para outro. Dessa forma, a tradução cultural leva à “transformação do significado para uma outra vida linguística análoga, e a impossibilidade de uma mera imposição de significados na transformação” (GRAÇA, 2015, p. 111). É nessa outra vida linguística, em que a imposição de significados é impossível, que se desenha o aspecto político da língua. Por meio da tradução intercultural, práticas e/ou textos encontram novas possibilidades de discurso em um novo ambiente político-cultural, podendo ser assimilados, criticados ou subvertidos, pois

as narrativas se formam em contextos específicos por sujeitos específicos social, cultural e ideologicamente constituídos, e que por isso podem assumir a responsabilidade por contar a suas próprias histórias (...). Localizado (como é o caso de qualquer cultura, identidade ou outro produto social) em espaços sociais de entrecruzamentos e travessias (...). (MENEZES DE SOUZA, 2007, p. 11)

Diante dessa perspectiva, podemos citar o prefácio do livro *Memórias da Plantação*, de Grada Kilomba, no qual a autora contextualiza a tradução da obra do inglês para a língua portuguesa. Ela enuncia que a língua “tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade (...)” (KILOMBA, 2019, p. 14). Ainda que sua primeira língua seja o português, a autora percebe-a como carregada de um conjunto de restrições sintáticas e semânticas que a impedem de expressar originalmente nesse idioma seus pensamentos pós-coloniais e escolhe escrever seu livro em inglês que, apesar de uma língua colonizadora para outros grupos, não tem os mesmos significados que a língua portuguesa compele à autora.

Diante dessas barreiras linguísticas, culturais, sociais e históricas, a autora introduz na obra um glossário, para que o leitor da tradução em português alcance o modo de visar originalmente expressado em língua inglesa. A primeira palavra desse glossário é ‘sujeito’, e Kilomba destaca que em português a palavra só é aceita no gênero masculino – o sujeito. Essa barreira linguístico-cultural é um indício da “problemática das relações de poder e violência da língua portuguesa, e a urgência de se encontrarem novas terminologias” (KILOMBA, 2019, p. 15), pois, em inglês, *subject* é um substantivo sem gênero, abarcando outras possibilidades linguístico-culturais de ser, primeiramente, e de, conseqüentemente, criar no mundo conhecimentos de perspectivas não-abissais.

Tais questões de tradução intercultural, aliadas ao exemplo acima, demonstram caminhos tomados na construção da expressão do presente artigo e

de nossa tradução, pois queremos comunicar nos valendo dos aspectos linguísticos, culturais, sociais e históricos, e nos envolvendo com o conceito de comunidade como expressão de um pensamento pós-abissal.

Comunidade: uma comunhão amorosa

Os principais aspectos da presente tradução envolvem (re)aprender e (re)conhecer “comunidade” para além dos sentidos linguístico-culturais do pensamento abissal. Um dos primeiros pontos levantados pela autora é que “como estruturas de dominação, o capitalismo e o patriarcado, juntos, trabalharam excessivamente para minar e destruir essa unidade extensa e maior de relações.” (hooks, 2005, p. 130, tradução nossa). A fragmentação das famílias e dos grupos de convívio e a restrição das relações consideradas relevantes, quando relegadas a um núcleo familiar reduzido, levam-nos à dependência e a controles externos e internos aos nossos grupos de convívio. Tais controles se sustentam através do enfraquecimento das relações coletivas. O espaço de trocas de experiências e conhecimentos se homogeneíza quando as experiências e saberes são limitados a tais núcleos.

Ao mesmo tempo, compreender novos saberes à ideia de comunidade é perceber o que comumente está ausente de seu sentido em uma perspectiva abissal. O sentido de comunidade pode se organizar em torno da imagem de um grupo identitário ou de interesses comuns e que, por isso, estão unidos. Nessa perspectiva, o que se contraporía ao sentido comunidade seria o outro, ou seja, aquela/e/s/ que está/ão fora da comunidade. No entanto, sob uma compreensão pós-abissal, é justamente o outro que nos permite entrar em contato ainda mais próximo com a nossa comunidade quando, segundo Castro *apud* Souza (1992), assumimos que aquilo que está fora de nós está ligado a um processo de movimento em direção ao nosso interior, pois quem somos é construído pela necessária relação produtiva com o exterior. E ainda podemos dizer que “a comunidade é um lugar de conflito, pois ‘o ser procura não ser reconhecido, mas contestado: ele vai para existir em direção ao outro, que o contesta, e, às vezes, o nega’”. (BLANCHOT *apud* YAMAMOTO, 2013, p. 65).

Para hooks, ainda que haja conflitos dentro das comunidades, esses conflitos apresentam uma disposição e um resultado diferente daqueles vividos dentro de um relacionamento romântico ou de um núcleo familiar. Ela defende que “fazer parte de uma comunidade de amor não significa uma ausência de conflitos, de traições, de resultados negativos vindas de ações positivas,” mas o amor em comunidade “nos permite confrontar essas realidades negativas de forma a consolidar e melhorar a vida.” (hooks, 2005, p. 139, tradução nossa). O amor tem um papel central para a autora, pois o vê como uma forma de resistência ao capitalismo, ao patriarcado e ao racismo, que ao longo do tempo destruíram as relações entre grupos oprimidos colonizados e reduziram o amor à ideia romântica da constituição de uma família nuclear homogênea, uma vez que “foi a ausência de amor que me fez entender o quanto o amor importava.” (hooks, 2005, p. IX, tradução nossa). Não por acaso, é preciso mencionar que outros indivíduos e coletivos à margem dos grandes centros de produção de conhecimento e na luta contra o pensamento colonial já falaram sobre o amor como resistência às

opressões, tais como Gandhi, na Índia colonial do sec. XX; Vandana Shiva (2003), intelectual e ativista ecológica e feminista indiana; Aílton Krenak (2019), intelectual e ativista dos direitos dos povos originários no Brasil; entre outros, que, em comum, possuem uma trajetória de saberes ligados às suas práticas socioculturais tradicionais que foram e vêm sendo destruídas culturalmente e territorialmente pela ordem socioeconômica global e com suas imposições de práticas e conhecimentos científicos autoproclamados universais.

Dessa forma, a ciência moderna não reconhece o amor como um saber, pois as emoções não são consideradas científicas. As emoções são, para a ciência ocidental, barreiras para o pensamento racional e, desta maneira, é a ciência racional, objetiva e neutra que inibe a produção de um pensamento alternativo sobre a cultura do desenvolvimento, do capitalismo, do patriarcado e do racismo. As práticas da ciência moderna não são inalteráveis, mas só se permitem serem revistas e reorganizadas a partir dos seus próprios métodos, excluindo outros saberes.

As correntes dominantes das epistemologias do Norte concentraram-se na validade privilegiada da ciência moderna (...). Tais correntes baseiam-se em duas premissas fundamentais. A primeira é a de que a ciência apoiada na observação sistemática e na experimentação controlada é uma criação específica da modernidade ocidentocêntrica, radicalmente distinta de outras ciências com origem noutras regiões e noutras culturas do mundo. A segunda premissa é a de que o conhecimento científico, dado o seu rigor potencial instrumental, é radicalmente diferente de outros saberes, sejam eles laicos, populares, práticos do senso comum, intuitivos ou religiosos. Ambas as premissas contribuíram para reforçar o excepcionalismo do mundo ocidental em relação ao resto do globo e, pela mesma razão, para a determinação da linha abissal que separava, e continua a separar, as sociedades e as sociabilidades metropolitanas das coloniais." (SOUSA SANTOS, 2020, p. 22-23)

Podemos tomar a experiência de Shiva, opositora às práticas da biotecnologia científica. Ela observa que as práticas tradicionais de agricultura indiana são suplantadas pela intervenção tecnocientífica, que por sua vez traz riscos químicos e biológicos às plantações por meio de sementes transgênicas e pesticidas (SHIVA, 2003). A ciência moderna entra suprimindo qualquer conhecimento tradicional da região e considerando que ali, antes, havia uma ausência de conhecimento. Como forma de resistência, Shiva, em entrevista para um periódico espanhol, propõe a substituição “do marco atual orientado pelo domínio da terra por um outro baseado no amor e respeito pela biodiversidade” (BURDEUS, 2018, p. 110-11, tradução nossa). O papel do amor tem sido reconhecido como prática de resistência por muitos críticos ao pensamento abissal que a ciência moderna estabelece.

A perspectiva pós-abissal possibilita a compreensão do aprender com o conflito e com o outro. Na visão da autora, é possível envolver-se com uma forma de empoderamento dentro de uma comunidade ao permitir-se conhecer estranhos sem medo, abrindo-se para escutar com atenção e aceitando os saberes dos outros como expansão das perspectivas que se tem de si mesmo. No entanto, para que se

possa aprender com o outro, é preciso que ambos se reconheçam. Quando nos colocamos frente ao pensamento científico moderno e suas metodologias, o outro é ausente e não há trocas de saberes ou espaço para as ideias de “amor” e “comunidade”. Como observa a filósofa e física Vandana Shiva,

o rótulo de “científico” atribui uma espécie de sacralidade ou imunidade social ao sistema ocidental. Ao se elevar acima da sociedade e de outros sistemas de saber e simultaneamente excluir outros sistemas da esfera do saber fidedigno e sistemático, o sistema dominante cria seu monopólio exclusivo. Paradoxalmente, os sistemas de saber considerados mais abertos é que estão, na realidade, fechados ao exame e à avaliação. A ciência ocidental moderna não deve ser avaliada, deve ser simplesmente aceita.” (SHIVA, 2003, p. 24)

Nestes termos, a ciência moderna, sob uma perspectiva de não se submeter a avaliações externas frente às demais formas de produzir conhecimento, é considerada pelo presente artigo como um pensamento abissal, pois considera-se a única fonte que ensina e sabe a verdade (caráter universalizante da ciência), não havendo intercâmbios significativos, pois não há o reconhecimento de outros saberes.

“Comunidade” em hooks (2005) nos leva a imaginar um espaço em que podemos viver em um contínuo movimento de ora estar dentro e ora estar fora, de reconhecer o conhecimento que vem do outro, ao mesmo tempo em que conhecemos e validamos nossos próprios saberes, fortalecendo, assim, nossas capacidades tanto individuais quanto coletivas. Podemos apreender um sentido semelhante ao observar a experiência das comunidades xamânicas amazônicas, uma vez que o coletivo e a comunidade, o indivíduo e a identidade são nelas dialogicamente envolvidos, continuamente e mutuamente sendo construídos (Souza, 2006). Essas aproximações de sentido e saberes produzidos em locais socioculturalmente tão distintos evidenciam que existem alternativas às produções de conhecimento hegemônicas, alternativas que não negam a existência de outros saberes para apresentarem seus próprios caminhos.

Comumente, esses conhecimentos que se mantêm abertos ao diálogo com outros derivam de práticas e de tradições dos grupos historicamente oprimidos e, ainda que não se manifestem em produções escritas originalmente, podem ser apreendidas pela tradução intercultural e interpolítica (SOUSA SANTOS, 2020). De acordo com o autor, algo que nunca foi valorizado pelo pensamento crítico eurocêntrico são as trocas de conhecimento recíprocas que se dão entre o grupos sociais anti-opressão e contra-hegemônicos. Diante disso, conseguimos perceber que o trabalho de bell hooks, ainda que produzido no hemisfério norte geográfico, não se alinha ao pensamento crítico eurocêntrico, pois seus sentidos de comunidade e trocas, conflitos e possibilidades de aprendizagem com o outro, a intenção da reconstrução de vínculos em comunidades para além dos valores tradicionais de família nuclear apregoadas pelo capitalismo e patriarcado, demonstram que tais ideias podem integrar as diversas epistemologias do sul como forma de resistência ao pensamento abissal hegemônico. Como conclusão de *Comunidade: uma comunhão amorosa*, a autora nos lembra mais uma vez da

importância do amor e dos diferentes sentidos de comunidade que podemos nos dar a conhecer, pois “o amor que criamos em comunidade nos acompanha aonde formos. Com este conhecimento como nosso guia, faremos de qualquer lugar vindouro, um lugar em que regressamos para o amor.” (hooks, 2005, p. 144, tradução nossa).

Conclusão

O texto de hooks nos provoca a pensar em amor, pois, antes de tudo, ele integra um livro chamado *All About Love* [*Tudo sobre amor*, tradução nossa³]. É relevante reconhecer que, nas literaturas canônicas e críticas, boa parte trata do amor romântico, não havendo tanto espaço discursivo para o amor como prática coletiva de resistência. Como buscamos demonstrar, compreender comunidade como uma reunião ou, nos termos da autora, como uma comunhão amorosa, é a possibilidade de contribuir para uma base de conhecimentos constituída de saberes laicos, espirituais, práticas tradicionais etc., conhecimentos que não são reconhecidos publicamente pelas comunidades científicas dominantes por interesses próprios. Como exemplo, podemos citar a questão da biopirataria (SHIVA, 2001), em que pesquisadores não-identificados do norte global extraem os conhecimentos dos povos originários em relação às plantas usadas em suas práticas medicinais, patenteando e retirando dos biomas sementes e plantas para uso industrial farmacêutico.

O trabalho de tradução intercultural e da busca por novas epistemologias contra-hegemônicas são esforços contínuos dentro e fora da esfera acadêmica. Construir uma base de conhecimentos fora dos pilares da ciência e da crítica eurocêntricas é um processo necessário, um caminho que está sendo aberto conforme mais indivíduos e coletivos reconhecem – em suas experiências, imagens, músicas, biomas, tradições orais e afins – outros saberes. O presente artigo foi produzido em um contexto de sul epistemológico e geográfico, em que muitos conhecimentos tradicionais estão à margem da produção científica acadêmica.

Por meio dos trabalhos de Sousa Santos (2007; 2020), podemos dar nome a essas epistemologias não-hegemônicas como sendo epistemologias do sul, alternativas ao pensamento epistêmico dominante e eurocêntrico para “ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo, porque isso até agora foi só uma maneira de nos homogeneizar (...)” (KRENAK, 2019, p. 33). O pensamento abissal detém o poder de definir o que pode ou não ser fonte de conhecimento, sendo necessário rever nossas epistemologias, lançando mão da tradução cultural ou de outras ferramentas para que os diferentes saberes sejam verdadeiramente múltiplos e reconhecidos.

³ Escolhemos traduzir o título do livro como *Tudo sobre amor* e não marcar o substantivo com um artigo masculino. Como demonstramos anteriormente, em língua inglesa não há marcação de gênero para grande parte dos substantivos comuns e, dessa forma, em nossa tradução intercultural, optamos por não conferir ao substantivo ‘amor’ o gênero masculino ao qual está condicionado no português brasileiro.

- ALCOFF, Linda M. New Epistemologies: Post-Positivist Accounts of Identity. In: (org.) WETHERELL, M. MOHANTY, Chandra. *The SAGE handbook of Identities*. 1. ed. LONDON: SAGE UK., 2010. p. 144-161.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. Companhia das Letras: Rio de Janeiro, 2008.
- BENJAMIN, Walter. A Tarefa do Tradutor. Tradução: Susana K. Lages. In: (Org.) Gagnebin, Jeanne M. *Escritos sobre mito e linguagem*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 101-119.
- BLANCHOT, Maurice. *A comunidade inconfessável*. Trad. Eclair Antônio Almeida Filho. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- BURDEUS, Joan. Sólo el amor salvará la Tierra. Entrevista [concedida por] Vandana Shiva. *Barcelona Metròpolis*, Barcelona, n. 107, 2018. Disponível em <https://www.barcelona.cat/bcnmetropolis/2007-2017/es/hemeroteca/107/>. Acesso em: 1 de abr. 2020.
- GRAÇA, Rodrigo S. F. de Salles. Tradução Cultural e Política em Homi Bhabha: Recepção de *A Tarefa Do Tradutor* de Walter Benjamin. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, v. 2, n. 27, p. 96-113, jul/dez 2015.
- hooks, bell. *Community: A Loving Communion*. In: hooks, bell. *All About Love. New Visions*. 1 ed. New York: HarperCollins, 2001. p. 127-144.
- KILOMBA, Grada. Carta da autora à edição brasileira. Tradução: Jess Oliveira. In: KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 11-21.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.
- MENEZES de SOUZA, Lynn M., *Hibridismos e Tradução Cultural: Reflexões*. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v. 1, n. 46, p. 9-17, jan/jun 2007.
- MENEZES de SOUZA, Lynn M. The Shamanic Book: Diversity, Language and Writing in an Indigenous Community in Brazil. In: (org.) Tope Omoniyi et al. *Explorations in the Sociology of Language and Religion*. 1. ed. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 2006. p. 325-337.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. *O fim do Império Cognitivo. A afirmação das epistemologias do sul*. 1. Ed.; 2. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para Além do Pensamento Abissal. Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*, CEBRAP, São Paulo, n. 79, p. 71-94, nov. 2007.
- SHIVA, Vandana. *Biopirataria. A pilhagem da Natureza e do Conhecimento*. Tradução: Laura Cardellini Barbosa de Oliveira. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SHIVA, Vandana. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Tradução: Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

YAMAMOTO, E. Y. A comunidade dos contemporâneos. *Galáxia*, São Paulo, n. 26, p. 60-71, dez. 2013.

Para citar este artigo

PIRES, Priscila Nascimento. Os sentidos pós-abissais de comunidade na tradução de Comunidade: uma comunhão amorosa, de bell hooks. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 3, p. 1315-1326, set.-out. 2021.

A autora

Priscila Nascimento Pires é graduanda em Licenciatura Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP (presente) e graduada em Comunicação Social – habilitação em Jornalismo por Faculdades Integradas Rio Branco (2013).